



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

VANESSA PINHEIRO DE SOUZA

**A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
GEOGRÁFICO NA ESCOLA MUNICIPAL DE E.F. II CÉSAR CALS, BARRO-CE**

CAJAZEIRAS/PB
2016

VANESSA PINHEIRO DE SOUZA

**A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
GEOGRÁFICO NA ESCOLA MUNICIPAL DE E.F. II CÉSAR CALS, BARRO-CE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Formação de Professores/CFP da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras-PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Cícera Cecília
Esmeraldo Alves

Linha de Pesquisa: Ensino

**CAJAZEIRAS/PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S729r Souza, Vanessa Pinheiro de
A relação professor/aluno na construção do conhecimento geográfico na Escola Municipal de E.F. II César Cals, Barro - CE / Vanessa Pinheiro de Souza. - Cajazeiras, 2016.
61p.: il.
Bibliografia.

Orientador: Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2016.

1. Relação professor-aluno. 2. Geografia escolar. 3. Ensino fundamental. 4. Conhecimento geográfico. I. Alves, Cícera Cecília Esmeraldo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 37.064.2

VANESSA PINHEIRO DE SOUZA

**A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
GEOGRÁFICO NA ESCOLA MUNICIPAL DE E.F. II CÉSAR CALS, BARRO-CE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras- PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Orientadora

Profa. Ms. Maria da Glória Anselmo

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Examinadora I

Profa. Dra. Firmiana Santos Fonseca Vieira Siebra

Universidade Regional do Cariri –URCA

Examinadora II

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus que me proporcionou capacidade e força de vontade, para continua e prosseguir com meus ideais.

À minha família, principalmente os meus pais Joana Dark e Cícero Duarte, minha avó Alaíde Domingos, que sempre estiveram presentes em todos os momentos de minha caminhada, se dedicando na medida do possível, mas sempre atentos às minhas dificuldades e buscando de todas as maneiras me oferecerem o melhor, com sua ajuda e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças em todos os momentos difíceis da minha vida acadêmica, por ter superado cada obstáculo encontrado em minha caminhada. Obrigado Deus por tudo que tem feito em minha vida.

A minha orientadora, Dr. Cícera Cecília Esmeraldo Alves pelo o apoio, paciência e dedicação, pois sua contribuição foi de suma importância para a concretização desse trabalho, principalmente nos momentos de aflição, no qual estive sempre atenciosa e paciente. Aos professores do curso de Geografia desta Instituição, pela transmissão de conhecimentos, que foram de grande valia na minha formação.

Aos meus queridos pais adotivos e de coração Joana Dark Domingos de Souza e Cícero Duarte Pinheiro, que são minha base em tudo que faço, e também meus pais biológicos Maria Zulaide Alvino e Sebastião Emazon Oliveira que estiveram sempre presente em todos os momentos de minha caminhada, permanecendo sempre atentos as minhas dificuldades.

A meu namorado Diogenes pelo constante incentivo, apoio e paciência em todos os momentos dessa importante e tão esperada etapa da minha vida.

Aos meus familiares, pela paciência e incentivo durante todo esse tempo, em que me fiz ausente por causa da minha formação acadêmica.

Aos meus colegas de curso, Laurindo Duarte, Pedro Rubsomar, Eudes, Mazé, Jackeline, Aline, em especial Daiane Vitoriano que contribuiu muito nesta etapa tão importante em minha vida, que estive comigo sempre, como também Francisca Moézia com todo seu carinho e atenção. Afinal somos todos vitoriosos por essa conquista, pois essas palavras seriam muito pouco para agradecer o quanto contribuíram e se fizeram presentes nesse momento tão esperado por todos nós, minha eterna gratidão.

Aos meus velhos amigos, Jessica Costa, Monalisa Diniz, Jessica Kinha, Louane Nascimento e Marcio Nascimento que fizeram parte desta conquista, de forma significativa.

E todos aqueles que contribuíram e deram força, para nunca desistir dos meus sonhos e que direta ou indiretamente fizeram parte desta caminhada, o meu muito obrigado.

“Educar é revolucionar, diferente de doutrinar, é compartilhar novos caminhos sob as asas de um novo olhar. Antes de transmitir é receber, é filtrar o cognitivo e o perceptivo de nossos povos. É beber de novos saberes”.

Cacau

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma pesquisa realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental César Cals, Barro - CE. Tem como objetivo geral, compreender como a relação professor/aluno pode contribuir no processo da construção do conhecimento geográfico. Refletindo um pouco sobre a atuação em sala de aula, de ambas as partes no contexto escolar. Para atingirmos esse objetivo iniciamos com uma breve discussão teórica sobre algumas abordagens na questão do ensino, em especial na geografia escolar. Em seguida abordamos uma reflexão sobre o objeto de estudo da geografia, na sistematização do conhecimento geográfico. Tendo como foco, a necessidade de considerar o saber e a realidade do aluno como referencia para o estudo do espaço geográfico. Os procedimentos metodológicos adotados nesse estudo teve como base a pesquisa bibliográfica, para que tivéssemos uma melhor compreensão da temática aqui abordada, a partir das descrições das características apresentadas sobre os acontecimentos vivenciados no âmbito escolar em que se transforma numa análise empírica. Durante o desenvolvimento do estudo e as observações na escola constatou-se que a boa relação, isto é, harmoniosa entre professor e aluno é essencial para a construção do conhecimento, principalmente o conhecimento geográfico, considerado mais complexo em questão de entendimento, mas que de uma certa forma instiga juntamente com o educador a busca pelo saber.

Palavras chaves: Professor; aluno; aprendizagem e conhecimento-geográfico.

ABSTRACT

The present work consists in search realized at School Municipal of Fundamental Education César Cals, Barro- CE. It have how general objective, comprehend how at the comether teacher/pupil may contribute in the process of construction of the knowledge geographic. Reflecting a little about the actuate in classroom, of both at the parts on the context scholar. For reach that one, objective start with at brief discussion theoretical about some broach a subject at question of teach, in special at scholar geography. In following board at reflection about the object of study geography in the systematization of the knowledge geographic. Holding how focus the necessity of consider of the know and reality of pupil how referring for the space study geographic. The procceding methodological adopt in that study hold how basis bibliographic search, for that hade the best thematic comprehension here to broach, a subject from descriptions characteristics presentable about the occurrences vivacity in the ambit scholar in that if transformation at ananalysis empyrean. During the development of study and the observes evidence that the interrelation act of reporting, that is harmonius between teacher and pupil is essential for the construction of the knowledge, principally the geographic knowledge, considerate more complex in question of the understanding, but that of on certainty form instigation together with the educator the search by the knowledge.

Keywords: Teacher; pupil; trade school and geographic-knowledge

LISTA DE FIGURA

Figura 01: Vista frontal da E. M. E. F. César Cals	36
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Analisando a turma	44
Tabela 02: Primeira pergunta do questionário e as principais respostas dos alunos	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO I	13
1.1 Educação e Ensino: Algumas Abordagens	13
1.2 Professor e Aluno: Algumas Implicações.....	16
1.3 A geografia escolar.....	19
CAPITULO II.....	24
2.1 Um olhar sobre a ciência geográfica	24
2.2 O espaço na sistematização do conhecimento geográfico	28
2.3 Professor e Aluno na aprendizagem geográfica	31
CAPÍTULO III	36
3.1 A construção do conhecimento geográfico na Escola Municipal do 7º ano do Ensino Fundamental II	36
3.1.1 O que diz o professor.....	40
3.1.2 O que diz o aluno.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES	54
ANEXOS	60

INTRODUÇÃO

A geografia é uma matéria obrigatória em todos os anos do ensino escolar básico. É uma disciplina que abrange informações sobre questões que envolvem o Homem e o espaço em que vive. Como por exemplo: política, economia e natureza.

O presente trabalho discorre sobre a importância de compreender a relação professor/aluno em aulas de geografia do ensino fundamental II, e como essa questão influencia no aprendizado de ambos, tendo como foco principal a construção do conhecimento geográfico em sala de aula. É também, importante, observar a percepção do professor ao ver o aluno como um sujeito pensante/desejante, como também entender que o ensino é um espaço de troca de conhecimentos.

Após uma análise reflexiva e crítica dos textos selecionados, foi construído o referencial teórico, que fundamentou todo o processo da pesquisa, considerada teórico bibliográfica, por conter autores que já tenham abordado temas relacionados a pesquisa em questão.

O método de abordagem foi o dedutivo, ou seja, de um fato conhecido, dividindo-o, e por meio da pesquisa, conhecendo suas partes. Isto é, a reconstituição do todo decomposto pela análise. A natureza metodológica desta pesquisa, segundo os objetivos, classificou-se em descritivas, pois envolve características conhecidas, componentes de fatos/problemas, segundo os procedimentos e coleta de dados, é de levantamento, porque se infere pesquisa de informações acerca da temática, no qual as fontes de informações envolveram campo, ou seja, pesquisar no lugar natural onde acontecem os fatos.

As pessoas entrevistadas para a realização deste trabalho foram a professora e os alunos do 7º Ano do ensino fundamental II, da Escola Municipal César Cals da cidade de Barro-CE no qual foram aplicados questionários para a caracterização e interação do processo Ensino-Aprendizagem.

Assim, a estrutura apresentada nesta monografia encontra-se dividida em capítulos distribuídos da seguinte forma:

O primeiro capítulo intitulado “Educação e Ensino: Algumas Abordagens” apresentam de forma concisa as bases teóricas pelas quais fundamentamos a presente pesquisa, sobre as possibilidades, alternativas e caminhos do ensino da geografia, na qual consideramos a qualidade de ensino como fator determinante para o professor, em especial o de geografia, por se tratar de uma disciplina escolar que abrange todos os aspectos do contexto educação.

O segundo capítulo “Um olhar sobre a ciência geográfica” ressalta a importância de refletir sobre o objeto de estudo da geografia e compreender a questão do conhecimento geográfico, e considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico.

No terceiro capítulo “A construção do conhecimento geográfico na Escola Municipal do E. F. II. Do 7º Ano” enfatizamos a vivência na busca do conhecimento geográfico, através da construção do próprio espaço inserido, como também a caracterização da escola citada. Apresenta a exposição dos resultados obtidos a partir dos questionários aplicados com os pesquisados (professor e alunos) objetivando ter conhecimento da visão desses acerca da própria professora, das aulas, da escola e também do convívio e relação de ambas as partes.

Por fim apresentamos as considerações finais, no qual se evidenciam como abordagem conclusiva da análise dos dados coletados, com bastante esforço e dedicação para a concretização dessa pesquisa, e refletimos sobre a importância da relação professor e aluno no ensino geográfico.

No entanto, esperamos que os dados a partir das abordagens discutidas, como também identificadas durante a pesquisa, sirvam de contribuição para melhorias no processo desse complexo na área de ensino. E que essa proposta de temática venha de certa forma subsidiar outras pesquisas, aprimorando cada vez mais a questão do conhecimento de forma geral.

CAPÍTULO I

1.1 Educação e Ensino: Algumas Abordagens

Atualmente as questões ligadas a qualidade de ensino é fato bastante discutido, pois é inaceitável relatar sobre qualidade de ensino, sem falar também sobre uma boa formação do professor. A educação, de alguma forma, sempre foi objeto de grande preocupação da sociedade e de seus dirigentes, notadamente em seus aspectos formais, em seu conteúdo e também em sua utilidade enquanto instrumento de socialização.

É importante ressaltar que conseqüentemente as finalidades do Sistema Educacional e as competências no processo de ensino estão associadas como um objeto em permanente construção, como também suas diferentes causas e efeitos. Nesse sentido:

O mundo moderno é um mundo mudancista, pois temos uma civilização voltada para o futuro, ao contrário das sociedades tradicionais que são voltadas para o passado. Se o meu olhar é para o passado, a palavra de ordem é manter. E manter vem e/ou leva ao divino. Divino que, em teoria, é obrigatoriamente descartado do “menu” moderno, mas que sempre permaneceu, de forma mais ou menos velada, no sistema escolar. (CARVALHO, 2004, p.114)

As Teorias que dão suporte a esse processo modificaram-se ao longo do tempo, pois o objetivo do professor é a aprendizagem, na qual forneça aos alunos um ensino de qualidade. Muitas vezes o professor obtém uma carga horária elevada, talvez, por conta disso, muitos profissionais se desgastam. Mesmo sabendo que não é certo, optam por uma abordagem de ensino mais tradicional, que durante muito tempo foi aceito no contexto escolar, onde somente o professor tinha a liberdade de expressão, ou seja, significa um modelo de ensino como “cabresto” e não novas ideias.

Para Almeida (2012, p.10): “A educação apresenta-se como uma forma de preparar o indivíduo para trabalhar em equipe e saber lidar com o imprevisto”. Com isso o processo de ensino-aprendizagem é satisfatório a partir do momento em que o indivíduo cria mecanismos na escola, isto é, condições de trabalho em equipe, com capacidade de desenvolver o interesse do aluno para o aprendizado.

Atualmente na conjuntura da Educação no país, é frequente a detecção dos altos índices de evasão escolar e repetência, ou seja, com o aumento desses fatores no contexto escolar, logo em seguida cresce o interesse em averiguar as causas destes fenômenos que de uma certa forma ainda permanece lacunar. Assim:

A construção do conhecimento em rede que ocorre na escola desafia todos os sujeitos e nos faz perceber outros ângulos do nosso trabalho, o da negociação e o da importância de saber trabalhar com os pontos de conflito e de tensão. (PASSINI, 2011, p. 34).

Entretanto, a escola por sua vez, na maioria das situações, entende que os problemas de aprendizagem e/ou fracasso escolar são devido as questões de ordem pessoal, familiar e social e não por conta da interação (ou não) de todos os atores compostos na comunidade escolar, isto é, do sistema educacional. Pois a grande preocupação do sistema educacional está na necessidade de fazer os estudantes aprenderem, em torná-los capazes de participarem do mercado de produção, de forma ativa, quando na verdade, deveriam estar atentos em como viabilizar o processo de aprendizagem para os alunos.

De acordo com Pontuschka (2006, p.271):

O MEC, principal responsável pela formulação da política Educacional do país, afirma que “a política de formação de Professores do ensino básico deve constituir prioridade absoluta. O alicerce da educação se fundamenta em mestres qualificados, decentemente remunerados e com condições de trabalho minimamente garantidas”. Apesar dessa fala dos representantes, nós professores da universidade e do ensino básico temos consciência de que há muito ainda a caminhar no sentido de atender o discurso do MEC, diante do que vivenciamos (alunos, professores e estagiários) nas escolas, quer sejam do ensino superior ou básico.

Vale esclarecer que, existe um grande número de professores engajados e comprometidos com a questão sobre o ensino, também um número significativo que não cumpre o exigido, no qual conseqüentemente compromete todo o conjunto composto na comunidade escolar.

É fato que a realidade que presenciamos na educação brasileira, não é algo perfeito, sem nenhum tipo de problema existente na nomenclatura escolar. Mas também é fato que existe várias maneiras de como mudar todo esse processo de ensino – aprendizagem, começando através da postura do educador, pois mesmo havendo formas eficazes e altos investimentos no âmbito escolar, sem a colaboração do principal agente (o professor), fica muito difícil essa mudança tornar-se eficaz na transformação dos protagonistas da história educacional, como seres ensinantes e aprendizes. Para tanto, Scandelai (2011, p.59) afirma que:

[...] devemos seguir uma ordem lógica, uma sequencia, mas devemos também ser flexíveis sempre que as respostas ou dificuldades dos alunos nos indicarem necessidades de mudanças. Essa flexibilidade mostra a interação entre o sujeito e o objeto do conhecimento na ação docente [...].

É neste sentido que, a interação estabelecida no processo de ensino e aprendizagem objetiva-se referenciá-la diretamente à situação da relação professor/aluno. Ou seja, a valorização da identidade dos aprendizes configura-se frente a do professor. Portanto com base nessa visão:

Precisamos, nesse sentido, da criação de alternativas político-pedagógicas pelas quais a formação de professores possa oportunizar ao aluno ser sujeito de uma aprendizagem que se realiza a partir de interações cognitivas múltiplas, de modo que isso venha possibilitar a ressignificação do processo de aprender-ensinar-aprender. Assim, se faz urgente chamar ao debate as grandes temáticas que oportunizam a articulação teoria-prática e que reclamam por um trabalho conjunto entre os sujeitos dos processos de ensino e de aprendizagem. (LIMA, 2013, p.136)

Nessa perspectiva, o que é levado em conta é a forma de organização, através das ações educativas, pois a escola deve visar sempre no desenvolvimento do ensino. Assim o professor como mediador, pode criar condições e situações desafiadoras, para que o alunado construa o seu próprio conhecimento na interação com o meio social através de experiências concretas, numa relação teoria e prática.

Aprender baseando-se em hipóteses, a partir do questionamento de suas necessidades reais. Aprender para melhorar seu ambiente suas condições de vida, suas relações sociais, isto é, um ensino crítico, mas também criativo, contendo questões da própria realidade. Assim de acordo com Aquino Junior (2011, p. 79):

[...] Uma aula produtiva é aquela em que aluno trabalha além do tempo e do espaço da aula, porque foi desafiado a buscar soluções para problemas verdadeiros e a levar dúvidas para além dos muros da escola.

Assim é notório que, na educação existe a constante necessidade de mudar, para que aconteça algo significativo e com qualidade na construção do conhecimento mais sólido e também coletivo. Pois pensando de modo geral, precisamos de escolas que busquem sempre desenvolver um ensino com educadores capacitados e adaptados ao mundo contemporâneo para assim poder exercer o ofício de sua profissão.

Dessa forma, entendemos que a educação é como se fosse o elo que liga o passado, presente e também o futuro, gerando qualidade, respeito e dando valores éticos - morais a sociedade. A educação juntamente com essa concepção, tende a valorizar o aprendizado, pois quem se informa, e quem sabe das coisas, questiona por exemplo: a situação da sua própria comunidade, seu estado, seu país; ou seja, questiona a sua própria condição de vida.

Portanto, é no âmbito escolar, que os alunos aprendem a fazer a diferença de acordo com essa motivação por parte de todos os integrantes da comunidade escolar, é repensada e colocada em ação. No qual a escola tem o papel fundamental de motivar os alunos a se tornarem mais responsáveis e compromissados com a educação, pois ela deve também conhecê-los melhor, para alcançar seus objetivos, respeitando a realidade de cada um, seu cotidiano, como também sua vivência familiar.

1.2 Professor e Aluno: Algumas Implicações

As mudanças ocorridas no processo ensino – aprendizagem estão cada vez mais em constante discussão, pois antes, para ser um bom educador, só necessitava saber transmitir informações e ter autoridade em sala de aula. E o aluno ser apenas o receptor dessas informações, no qual somente decora o que escuta e obedece esforçadamente para aprender.

A partir dessa concepção anterior, a preocupação de repensar sobre a prática escolar vem aumentando, pois mesmo sabendo da existência de grandes propostas no âmbito da educação, é notório que os resultados exigidos pelas normas disciplinares deixam muito a desejar.

De acordo com Aquino Junior (2011, p.78), “o bom professor é aquele que consegue trabalhar a construção do conhecimento com os alunos independentemente do espaço e da infraestrutura que lhes sejam disponibilizados”.

Nessa perspectiva, entendemos que muitas das vezes a escola tem toda aquela infraestrutura juntamente com apoio técnico, mas não tem um professor capacitado e organizado a dar aula com qualidade e satisfação, mesmo utilizando todos esses recursos. Enquanto isso existe aquele professor com simplesmente sua voz, o giz e o quadro, no qual tem a capacidade de obtenção de atividades significativas e com qualidade, garantindo assim a construção do saber, isto é, nem sempre os recursos didáticos fazem a diferença e sim a forma de como lhe dar a aula.

Atualmente professores iniciantes ou não na profissão têm encontrados vários obstáculos em sala, dificultando seu trabalho, principalmente na limitação de recursos didáticos no geral, isto é, falta de material, como também, escolas com estrutura precária, excesso de alunos em sala de aula, que na grande maioria são alunos com problemas familiares, outros com envolvimento extra – sala, como o álcool e outras drogas. Com isso na maioria das vezes trazem para sala de aula um comportamento violento, e onde não conseguem acompanhar o ritmo de estudo.

Novamente de acordo com Aquino Junior (2011, p.79) “caberia ao aluno a tarefa de filtrar os seus conflitos externos à escola para que dentro dela, ele possa se concentrar e ter um melhor aproveitamento da formação oferecida”. Dentro disso a construção do conhecimento escolar estão ligadas sobre ambas as partes, isto é, através de um bom relacionamento e também trocas de experiências, não só por parte do professor, mas também levar em consideração a do alunado.

Em relação aos problemas encontrados nas escolas atuais, o professor precisa desenvolver uma prática docente que possibilite ao alunado um desenvolvimento de habilidades que contribuam de forma efetiva na construção do conhecimento. Ou seja, uma formação que ofereça subsídios que contribuam na preparação da autonomia do aluno.

Concordando com Passini, (2007, p.39) “o conhecimento não está no sujeito, não está no objeto, ele é construído na coordenação entre eles”. Ou seja, criar uma mecanização no âmbito escolar direcionada ao desenvolvimento do interesse do aluno para o aprendizado.

O professor deve sempre direcionar o aluno a explorar os objetos de forma mais interessante, garantindo a orientação necessária, sem jamais oferecer-lhe as soluções prontas, isto é, os conteúdos programáticos são selecionados a partir dos interesses dos alunos, interligadas com a reflexão e formação da visão das coisas.

Com essa concepção, digamos que a criatividade se encaixa nesse contexto, pois ela serve como ferramenta para instigar a utilizarem seu próprio pensamento lógico. Ajuda também a construir habilidades motoras, e assim podendo trabalhar com as ferramentas da inteligência, isto é, seu (raciocínio), onde saem da passividade e se torna sujeitos ativos, no qual se destaca muito bem o processo ensino-aprendizagem, caracterizado como uma das formas essenciais para estimular no aluno o desenvolvimento pessoal e também sociocultural. De acordo com Nunes (2008, p.136):

É preciso reconhecer que o conceito de criatividade é amplo, complexo e pluridimensional. Não está conectado apenas ao ato de produzir algo diferente, inusitado, inovador e original, mas também ao sentir, refletir, intuir, emocionar, atribuir significado e estabelecer relações [...]

Nessa dimensão, quando falamos em criatividade logo vem a mente, criar algo novo, e no processo de ensino aprendizado não é diferente. A relação professor e aluno influenciam diretamente nesse processo, colaborando para motivar o aluno e, com isso, se chegar aos objetivos propostos.

Dessa forma, o aluno precisa sentir confiança no professor, trabalhando em um clima agradável e acolhedor. Sabemos que nem sempre essa relação é pacífica, pois no espaço da

sala de aula se manifestam diferentes obstáculos que concorrem para desafiar o professor a exercitar seu conhecimento, competências e habilidades que o trabalho em equipe exige.

De acordo com Passini (2007, p.197):

Precisamos de professores pesquisadores que observem o trabalho de seus alunos como reflexo do seu próprio Trabalho, e que, analisando essas ações e reflexões, consigam caminhar no sentido da melhoria do conhecimento seu e de seus alunos [...]

E é neste sentido, que essa caracterização estabelecida destaca pela seleção de conteúdos, organização, a criação de sistemas didáticos- pedagógicos, para que assim possa facilitar o aprendizado dos alunos e também a exposição, onde o professor demonstrará seus conteúdos. No entanto para que isto possa ser mais bem cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando assim suas ações no desenvolver das atividades.

O aprendizado se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. Pois a vontade de aprender não é algo que surge espontaneamente nos alunos e nem uma tarefa que cumprem com satisfação, que em muitas das vezes é encarada como se fosse obrigação. No entanto,

A motivação intrínseca é quando o elemento mobilizador da aprendizagem é interno, é o desejo de aprender. Por conseguinte, a razão para se esforçar está naquilo que se aprende e na satisfação pessoal de saber, de adquirir novas informações, de ampliar conhecimentos, compreender ou se apropriar de algo novo. Esta motivação está consorciada com um tipo de aprendizagem mais significativa e mais construtiva. (NUNES, 2008, p. 160)

Entretanto, cabe ao professor sempre buscar para os alunos situações problemas que tragam a vontade e até a necessidade de investigar, pensar, racionalizar questões, para que assim possam construir suas respostas com sucesso. Logo a relação, entre professor e aluno, depende da empatia estabelecida pelo professor com seus alunos, isto é, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das “pontes” entre o seu conhecimento e o deles, ou seja, o entrelaçamento do que o aluno já conhece e aquilo que necessita conhecer.

[...] O ditame do ambiente escolar deve ser a busca conjunta-professor e aluno-pelo conhecimento; o professor deve orientar a pesquisa do aluno para que ele avance do empirismo para uma construção de conhecimento sistematizado. (MELO, 2011, p. 98)

Diante disso, o ensino quando se dá por meio da parceria entre o professor e o aluno, torna o aluno responsável por seus atos, e desse modo, aprende a assumir compromissos e desafios, pois sabe que o grupo conta e espera sua parcela de contribuição, sem a qual o processo fica comprometido e incompleto.

Portanto, cabe ao professor administrar os conflitos que surgem. Como o professor trabalha com seres humanos, deve ter clareza das múltiplas influências que afetam a ele e ao aluno, além dos interesses e pontos de vista diferentes, o que torna cada caso, um desafio, em especial. O aluno traz para a sala de aula, assim como o professor, seus anseios, frustrações, desejos e necessidades que nem sempre consegue expressar claramente. A parceria, neste sentido colabora para a aproximação de ambos, de modo a desenvolver o espírito de grupo.

Entretanto, mostra-se a importância da parceria e do trabalho em grupo, favorecendo a harmonia entre professores e alunos na qual estimula uma troca de informações, não se limitando somente nisso, pois ensinar exige muita dedicação, comprometimento, conhecimento e, acima de tudo respeito e trabalho.

1.3 A geografia escolar

A geografia por ser uma ciência moderna, produto de uma sociedade muito complexa, graças ao seu amplo campo de estudo, tem seu lugar no ensino, auxiliando na compreensão do mundo, tendo a liberdade de desenvolver nos educandos qualidades intelectuais, morais e conhecimentos. Pois ao ensinar geografia, oferecemos ao aluno oportunidade de desenvolver uma melhor compreensão do mundo e da sociedade em que se encontra inserido. É importante, ressaltar que:

Compreender isso remete a considerar o conhecimento que o aluno possui como resultado de sua vida cotidiana. A função do ensino da geografia escolar é portanto, no contexto do currículo, oportunizar o desenvolvimento das competências que habilitem os sujeitos a situar as suas experiências cotidianas no âmbito mais geral. Isso significa auxiliar a fazer abstrações e teorizar a partir da realidade. (BUENO, 2009, p.3 apud CALLAI)

Isso se torna um pouco difícil, porque nem todo professor tem a capacidade de analisar essas experiências, pois o que importa para o ensino é se o aluno consegue compreender aquilo que o professor transmite, o que pensa e que com isso consiga criar, questionar e principalmente se pronunciar, seja contra ou a favor daquilo que lhe é exposto. Para Santana Filho (2010, p.89):

Discutir os conteúdos geográficos, a definição deles, as possibilidades e limitações que carregam e a estruturação dos mesmos no currículo _e até o caráter ideológico que tem _é também um tópico inerente a essa discussão dos objetivos. É na apresentação, no reconhecimento, no tratamento e análise dos conteúdos que experimentamos e viabilizamos o alcance dos objetivos do ensino da Geografia.

Destaca-se, então a grande importância na forma como os conteúdos são escolhidos adequadamente para o educando, um bom exemplo disso é pegar a convivência do aluno e inserir especificamente aos conteúdos escolhidos pelo educador. Assim promovendo aos alunos a percepção do espaço geográfico que se insere, isto é, atuar como protagonista no meio geográfico do qual participa.

De acordo com Castrogiovanni, (2007, p.43):

A geografia escolar (será que existe mais de uma geografia?), mais do que nunca, deve ser trabalhada de forma a instrumentalizar os alunos para lidarem com a espacialidades e com suas múltiplas aproximações: eles devem saber operar o espaço! Tal postura procura dar conta da compreensão da vida social refletida sobre os diferentes sujeitos, agentes responsáveis pelas (trans) formações [...]

Entretanto, a geografia escolar, torna o educando o principal agente modificador e crítico das alterações ambientais- sociais- econômicas. Dessa maneira com o pensamento autônomo e crítico, o educando participa da construção da sociedade de forma significativa. Segundo Santana Filho, (2010, p.85):

O ensino de Geografia, nessa perspectiva de inserção intelectual e política, precisa serem tratado no contexto da educação escolar atual porque é um elemento constituinte dela. Isso com a devida clareza de seu papel e da sua identidade!

Dessa forma, o ensino de geografia, é proposto de forma significativa, no qual o educando tem a chance de intervir nos problemas socioculturais no meio em que vive, em uma atitude responsável, como por exemplo, a sustentabilidade da natureza, contemplando o desenvolvimento da sociedade da qual se insere.

Quando pensamos em geografia, logo vem em mente seu objeto de estudo, isto é, o espaço que é considerado dinâmico, pois vive em constante transformação. Por essa razão, a geografia escolar é a ponte para a compreensão e desenvolvimento do saber mais abrangente das relações humanas. Isso nos remete a concepção que não existe somente uma geografia, e sim muitas, mas como saber qual a melhor se encaixa no processo de aprendizagem?

Concordando assim, com Selbach, (2014, p. 34):

A geografia é o estudo da natureza e também do homem que ocupa e transforma essa natureza. Mas, enquanto outras ciências estudam aspectos particulares e peculiares da natureza do homem, cabe a geografia examinar e explicar a estreita relação e interdependência entre esses elementos. [...]

Sendo assim, podemos afirmar que ensinar geografia não é uma tarefa fácil, precisa de muito esforço, se tratando não somente das metodologias do professor, como também a questão da estrutura da escola, e do entendimento do aluno para ser compreendida. Apesar de sabermos que ainda existem muitos alunos que acreditam que a disciplina de geografia é desinteressante. Pois é nesse aspecto que a geografia é necessária a todos aqueles que querem saber pensar o espaço para aí viver, se organizar e até às vezes saber lutar pelos seus objetivos.

A geografia como disciplina escolar, oferece sua parcela significativa de contribuição no âmbito de ensino, através dela o discente pode assimilar práticas do seu próprio cotidiano e relacionar com os conteúdos aplicados em sala de aula.

Conforme as concepções de Pontuschka, Paganelli, e Cacete, (2009, p.108):

[...] Ao ampliar o conceito de conteúdo, devem ser considerados também os conteúdos procedimentais e atitudinais, que precisam estar presentes nas intenções do professor de geografia quando da elaboração da programação da disciplina escolar.

De acordo com o exposto, observamos que, o conteúdo é a parte principal da aula, trata-se do que o professor irá trabalhar com os alunos durante a aula, este deve ser muito bem escolhido pelo professor visando adaptá-la a realidade do aluno. Um grande problema quando se fala de conteúdo está no livro didático que vem como um roteiro a ser seguido pelo professor e que na maioria das vezes apresenta conteúdos totalmente fora do contexto no qual os alunos estão inseridos, despertando assim o desinteresse dos mesmos pelo conteúdo e até mesmo pela disciplina.

Segundo Vessentini, 1989, p.167:

[...] O professor pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está a serviço de seus objetivos e propostas de trabalho [...]

Vale salientar, que fazer a escolha correta do livro didático já é um passo muito importante, porém, ao fazer a escolha do conteúdo, o professor deve buscar outros meios de trabalhar tal conteúdo, como por exemplo: textos auxiliares de outros livros, vídeos, entre outros, não se prendendo somente no livro didático, e, além disso, o professor deve ter

autonomia para descartar conteúdos que estão no livro didático, mas que não são tão importantes para a formação do aluno e substituir por conteúdos que realmente interessam ao aluno e condizem com a realidade do mesmo.

O uso dos recursos didáticos tornou-se indispensável na realização de uma boa aula. Nos dias atuais todos os alunos têm acesso a informação e a tecnologia, o grande desafio é trazer essa tecnologia para dentro da sala de aula de forma que melhore a aprendizagem e não que atrapalhe.

O professor deve buscar uma forma de usar a tecnologia a seu favor, dando ênfase sempre, na questão do reconhecimento do aluno, considerando-o um sujeito pensante/desejante. É principalmente saber colocar-se como aprendiz, e entender que o ensino é um espaço de troca de experiências, ou seja, trocas de conhecimentos, no qual a tecnologia de maneira criativa pode bastante no processo de ensino. Mas lembrando de que, os recursos não são a base de tudo no contexto escolar, e sim os professores terem o autoconhecimento, e iniciativa se querem ou não alunos criativos, críticos e pensantes ou o inverso como alunos copiadores, submissos, com o uso frequente de pensamentos já prontos.

De acordo com Cavalcanti, 2012, p. 177:

É um grande desafio a proposta de desenvolver ideias a respeito de procedimentos no ensino de geografia, pois eles são frequentemente considerados “receitas” técnicas de como dar uma boa aula, o que termina por levar a uma resistência em colocar esse tema como pauta de discussão. É preciso, no entanto, encontrar meios de debater sobre modos de encaminhar atividades cotidianas de ensino sem que isso seja tomado como um simples ato de repassar fórmulas. [...]

Nesse sentido, é possível afirmar que a aula é o momento onde tudo acontece, é o momento organizado para a ocorrência da aprendizagem por meio das atividades de ensino. Dessa forma, a aula precisa ser planejada e pensada para a ocorrência do processo de ensino-aprendizagem, de forma a desenvolver nos alunos as condições para que eles continuem a aprender mesmo fora do ambiente escolar, com autonomia e reflexão, como seres aprendizes que adquirem certas habilidades de organização do pensamento geográfico e da ação, as quais os preparam para continuar aprendendo sempre.

É importante abordarmos nessa discussão a questão das metodologias, cujo papel recai muito sobre o professor. Assim logo pensamos como trabalhar a geografia de forma agradável para chamar a atenção dos discentes?

Isso nos remete a ideia de outro relevante aspecto concernente a geografia, pois escolher uma metodologia de ensino de acordo com a necessidade do alunado é algo muito

importante, mas que nem sempre é uma tarefa fácil. Pois não sabemos ao certo qual metodologia é melhor e qual método adotar para conseguir prender a atenção dos discentes.

Concordando com a concepção de Cavalcanti, 2012, p.45:

Na escola, portanto, o ensino das diferentes matérias escolares, a metodologia e os procedimentos devem ser pensados em razão da cultura dos alunos, da cultura escolar, do saber sistematizado e em razão, ainda, da cultura da escola. [...]

Por esse motivo, acreditamos que as metodologias servem para dinamizar as aulas, isto é, torná-las mais atrativas e também mais instigantes. Pois não existe uma receita pronta, uma metodologia adequada para essa ou aquela turma ou conteúdo. Mas sim profissionais decisivos em colocar em práticas, técnicas para com que seus alunos se tornem pesquisadores capazes de saber resolver através de suas informações e comprometimento os seus argumentos.

No entanto, sabemos que a realidade educacional brasileira é preocupante, e, muitas vezes, as condições de trabalho oferecidas ao professor não contribuem para o desenvolvimento de uma prática satisfatória. Apesar das precárias condições oferecidas ao exercício do magistério em nosso país, entendemos que é imprescindível repensar um novo projeto para a disciplina de geografia, que rompa com práticas de ensino trabalhadas com conteúdos fragmentados que dificultam a compreensão da realidade em sua complexidade. Isso requer espaços coletivos que promovam o exercício constante de reflexão e construção/pesquisa, para que se possa repensar a prática desenvolvida no cotidiano da sala de aula.

Portanto, há a necessidade de que os professores de geografia promovam seu próprio desenvolvimento profissional construindo, momentos de debate, de trocas de experiências por uma educação mais eficaz em seus propósitos. Pois é preciso que haja comprometimento profissional e a mente dos docentes da educação esteja sempre aberta para o novo, mesmo que os desafios sejam grandes e nem sempre compensem o esforço compreendido.

CAPÍTULO II

2.1 Um olhar sobre a ciência geográfica.

A geografia, ao longo de sua trajetória, tem contribuído muito para desvendar a realidade pelo próprio dinamismo que envolve a ciência geográfica. Pois é uma ciência que tem como objetivo principal de estudo o espaço geográfico, que correspondem ao palco das realizações humanas, como também todas as transformações que o ser humano produz dentro deste espaço na natureza, ou seja, o ensino de geografia ajuda na compreensão do espaço que vivemos.

As raízes históricas dos estudos da geografia são antigas, visto que estão ligadas ao pensamento grego. No entanto sua condição como ciência ocorreu somente com o nascimento da civilização grega, na qual existiam pensadores que nessa época englobavam diversos conhecimentos de diferentes temas, como o conhecimento da terra e de todas as dinâmicas existentes, também consideradas como objeto intrínseco da ciência geográfica.

Como ressalta Vlach (1989, p.155):

Ora, a geografia, na qualidade de ciência institucionalizada durante o século XIX, havia dado preciosa contribuição à constituição/consolidação de uma forma essencialmente européia de organização, política e territorial, do espaço geográfico: o Estado-nação que, com muita precisão, havia espacializado as relações políticas, econômicas, culturais da burguesia industrial, de maneira que, através da escola, a geografia inculcava o amor à pátria, nos termos de uma ideologia nacionalista embasada no pressuposto da igualdade de todos, como se fossem, de fato, cidadãos; ao mesmo tempo que, através de trabalhos de reconhecimento e cartografia do território, estabelecia as fronteiras de cada Estado moderno.[...]

Nesse viés, a geografia surge como uma ciência à serviço do Estado; pois foi a partir do século XIX, que ocorreu a sistematização, isto é, agrupamento em uma única ciência, dos conhecimentos geográficos. Pois sua sistematização colaborou muito decisivamente para o processo de consolidação do capitalismo na Europa, ou seja, através do avanço e domínio das relações capitalistas de produção, bem como, na construção do modo de produção capitalista.

Segundo Andrade (1989, p.11):

[...] A geografia só conquistaria a posição de ciência autônoma nas últimas décadas do século XIX, face à importância política do conhecimento do território e às formulações feitas por homens que serviam aos desígnios dos seus governos, de expansão colonial, ou a analisavam para criticar as estruturas políticas então dominantes [...]

De acordo com essa concepção, a geografia enquanto disciplina científica, tinha como função obedecer a lógica do contexto sociopolítico e econômico nesse período do século XIX. Pois o positivismo era o instrumento metodológico que atendia aos ideais da época, como por exemplo: a industrialização, a urbanização, a construção do estado-nação e a escolarização da sociedade, para assim poder contribuir para a expansão do capitalismo (VLACH, 1989).

Em meados de 1870, na Alemanha, a geografia surgiu como uma disciplina acadêmica foi introduzida na universidade, o que, posteriormente, também ocorreu na França.

Assim com notória repercussão, as últimas décadas do século XIX foram significativas para a ciência geográfica no Brasil. A mesma passou a ganhar grande importância com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no ano de 1838, tendo grande contribuição no sentido de impulsionar os estudos e o ensino da geografia, utilizada no reconhecimento do território e na constituição de uma identidade nacional (VLACH, 1989).

Ao tratarmos sobre a “ trajetória “ da disciplina de geografia, como ensino e pesquisa, para o nosso país ela está ligada à criação dos primeiros cursos superiores, durante a década de 1930. Sua institucionalização como ciência aconteceu com a fundação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde criou o Departamento de geografia na década de 1940, contribuindo para o desenvolvimento da geografia juntamente com a criação de congressos e cursos que eram primeiramente desenvolvidos por professores europeus e norte-americanos.

Outro fato muito importante nesta época foi a Escola Francesa de Vidal de La Blache, pois ela influenciou bastante no pensamento geográfico, com um caráter de ciência não politizada, ancorada no argumento da neutralidade do discurso científico, isto é, caracterizada como “geografia tradicional”.

Foi a partir desse movimento que iniciou em São Paulo a implantação e criação de cursos de geografia. No ensino de geografia, essa tendência se consolidou no estudo meramente descritivo das paisagens naturais e humanizadas, sem estabelecer relações entre elas. Ou seja, os procedimentos didáticos se baseavam na memorização e na descrição dos elementos e conceitos que compõem a disciplina.

Nessa ótica, segundo Andrade, (1989, p. 17):

No Brasil o desenvolvimento dos estudos geográficos se fez muito lentamente; durante o período imperial e da Primeira República os geógrafos se dedicaram mais a fazer estudos descritivos, levantamentos estatísticos e a produzirem alguns atlas.

Assim, podemos definir a geografia desse período, como uma geografia escolar tradicional e mnemônica, que está alicerçada no paradigma, por exemplo, “A Terra e o Homem”. Tendo assim uma espécie de sequência de temas já pré-definidos como: a estrutura geológica, clima, vegetação, entre outros. Eles buscavam compreender o espaço geográfico por meio das relações do homem com a natureza, desde então, foram questionadas em várias partes do mundo, e nas décadas seguintes, aqui no Brasil. A partir daí os geógrafos tiveram a iniciativa de buscar novas teorizações e também novos paradigmas.

Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 51):

O espaço geográfico, mundializado pelo capitalismo, tornou-se complexo e as metodologias propostas pelas várias tendências de Geografia tradicional não eram capazes de apreender essa complexidade. Novas metodologias deveriam surgir para empreender tal tarefa. O levantamento feito por meio de pesquisa de campo revelou-se, aos poucos, para o uso de técnicas mais sofisticadas, como, na década de 60, a aerofotogrametria, antes monopólio dos exércitos brasileiro e americano. Na década de 70, os geógrafos passaram a utilizar, com maior intensidade, a leitura de imagens de satélites que mostravam a cobertura do céu, sobretudo na meteorologia e na climatologia, como documentos importantes nos estudos da dinâmica atmosférica.

No entanto, o ensino de geografia na realidade, passou a ser um movimento crítico da geografia escolar, considerados pelos geógrafos educadores no qual os mesmos direcionam novas maneiras de abordagem para a efetuação de um ensino dinâmico e ao mesmo tempo atual, mas com capacidade de fazer com que a geografia coloque em prática uma série de raciocínios aptos, tirando a idéia de que ela é apenas uma análise não mistificadora do mundo.

Desde então, a disciplina de geografia, foi tema bastante discutido por diversos autores, principalmente se tratando da questão teórico-metodológica no ensino de geografia, isto é, a grande preocupação está na formulação de respostas, ou até mesmo questionamentos sobre a maneira de como realizar a prática docente no ensino da geografia. Mas, foi somente a partir da segunda metade do século passado, que esse movimento toma verdadeiro sentido.

Lembrando que a geografia considerada como ciência tradicional lecionada no Brasil, seguiu o modelo por muito tempo do livro “Corografia Brasileira”¹ de autoria do Padre Manoel Aires de Casal. Não esquecendo que a mesma foi acometida por diversas modificações referentes ao número de aulas semanais, aos conteúdos, como também a forma de como se ensinar, no entanto isso acontece como matéria escolar até os dias atuais.

Nisto a questão geográfica apresenta características que precisam ser consideradas, tanto quanto possível, que haja como fonte de explicação para as dificuldades que os alunos

¹ Primeiro livro editado no Brasil no ano de 1817, onde apresentava detalhes da geografia brasileira e é um dos principais modelos para o estudo da geografia como ciência tradicional.

possam vir a ter na sua compreensão, como para planejar movimentos pedagógicos a qual facilitem o processo interativo.

Entretanto, essas discussões atuais em relação a esta temática é fato bastante discutido, pois é através dela que passam pelas consequências facultadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) do ano de 1996, a qual estabeleceu novas reformulações nas Licenciaturas, assim ampliando a questão da carga horária da formação docente; como também pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que é considerado o Programa Oficial de Ensino a ser seguido no País.

Atualmente, no Brasil, existem os cursos parcelados/modulares e também os cursos de Licenciatura Plena, isto é, de caráter regular e que certificam o professor entre o período de três a cinco anos. Diferente do período militar, época de grandes conflitos, a qual surgiu a disciplina de Estudos Sociais que na verdade, a ideia era unir as disciplinas de história e geografia para que tivessem uma licenciatura curta. Naquela época era proibido o ato de livre expressão, e essas disciplinas principalmente a “geografia” visava muito isto.

Por esta razão ela deveria se unir para que estudasse somente o comportamento e a forma de como cada indivíduo deveria se comportar em sociedade e os papéis que eles exerciam. Porém este fato foi discutido bastante pelos geógrafos que através de grandes confrontos e muita luta, conseguiram o fim dos “Estudos Sociais,” e a partir daí história e geografia passaram a ser disciplinas separadas.

De acordo com Pontuschka (2006, p. 61):

A discussão contemporânea sobre conteúdos de ensino beneficia-se das reflexões, debates e produções sobre currículos escolares e sobre os condicionantes históricos, políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais em sua elaboração e adoção. Além de permitir a compreensão da relação sociedade-cultura-curriculo-práticas escolares e dos programas de ensino das disciplinas no passado, fundamenta melhor a análise dos currículos e programas de ensino atuais.

Diante disso podemos dizer que as transformações educacionais ao longo do século, mostra uma ideologia educacional trazida para consolidar o ensino geográfico no Brasil. Pois a geografia teve sua parcela de importância no Currículo Oficial de Ensino, os quais procuram elencar os pontos que caracterizam essa disciplina como redundante ao ensino contemporâneo, como também direcionam novas formas de abordagem para um ensino dinâmico e relevante concernente a essa matéria escolar em uma perspectiva crítica e atual.

Portanto, para se compreender a posição que a geografia ora ocupa no quadro das ciências, torna-se necessário discutir o objeto de estudo da geografia e a questão do conhecimento geográfico.

2.2 O espaço na sistematização do conhecimento geográfico.

Desde o início com o surgimento das primeiras civilizações, houve a preocupação e também a necessidade de refletir sobre a forma e organização da relação dos grupos humanos. Com isso tiveram que criar estratégias para meios de sobrevivência no qual sua principal ferramenta era o conhecimento do espaço na relação sociedade-natureza; para assim poder atingir os fins desejados. Logo de início o conhecimento geográfico era considerado prático, empírico, do qual o exército precisava para atingir seu alvo estrategicamente com muita segurança.

De acordo com a visão de Selbach (2014, p. 32):

A geografia, portanto, é uma ciência que tem como objeto de estudo o espaço. Também é concebida como o estudo da superfície terrestre, da distribuição espacial e das relações recíprocas dos fenômenos físicos, biológicos e sociais que nela se manifestam [...]

Sendo assim, é nesses termos que a geografia hoje se coloca. É no entender que seu ensino adquire dimensão fundamental no currículo, um ensino que busque inserir nos alunos uma postura crítica diante da realidade, comprometida com o homem e a sociedade, contribuindo para a sua transformação.

É fundamental, portanto que o professor crie e planeje situações nas quais os alunos possam conhecer e utilizar esses procedimentos. A observação, descrição, experimentação, analogia e síntese devem ser ensinadas para que os alunos possam aprender a explicar, compreender os processos de construção do espaço e dos diferentes tipos de paisagens e territórios.

Segundo Foucher (1989, p. 20):

É preciso se entender a respeito da noção de localização. De fato, é importante entender que, hoje, as práticas espaciais, isto é, os gestos, os atos, as trocas de nossa vida social, para serem executadas, desenrolam-se em lugares específicos e não se limitam ao que é imediatamente visível.

Nesse contexto, concebemos a noção de espaço como forma de adquirir o conhecimento geográfico, no qual está ligada a observação de uma determinada área, tendo

como base a perspectiva analítica acerca dos fenômenos, de qualquer ordem, apresentados num determinado lugar.

Para Cavalcanti (1998, p. 16):

Á geografia defronta-se, assim, com a tarefa de entender o espaço geográfico num contexto bastante complexo. O avanço das técnicas, a maior e mais acelerada circulação de mercadorias, homens e idéias distanciam os homens do tempo da natureza e provocam um certo “encolhimento” do espaço de relação entre eles.[...]

Nesse sentido, compreendemos que a geografia é uma disciplina que busca desde muito tempo, a compreensão do mundo em que vivemos de maneira geral, e também todas as transformações que o ser humano produz na relação espaço/natureza. Assim, a geografia assume papel importante na questão sobre a relação em que o homem estabelece com o meio em que vive e também as transformações que provoca no espaço, tornando-se o principal transformador do próprio lugar, assumindo a tarefa de esclarecer sobre as diferentes configurações do espaço produzido.

De acordo com Costella (2014, p.181):

Olhar um espaço com a habilidade de interpretá-lo é poder enxergá-lo numa totalidade. Essa totalidade não é composta pela soma dos componentes de um espaço, a totalidade compreende a interação, a superposição, que, por sua vez, possibilita a representação de um espaço textualizado por meio de texturas com infinitas relações.

Desse modo, entendemos que essa concepção está voltada mais para aprendizagem do aluno, isto é, o professor tem que ser flexível, estar preparado naquele espaço dado a fazer mudanças significativas, se adaptar com os imprevistos mesmo em muitas das vezes não tendo credibilidade, ou seja, ver a realidade como ela é.

Na concepção de Foucher (1989, p.20): [...]” Os alunos, futuros cidadãos, encontram-se desprovidos de instrumentos de raciocínio sobre o espaço”, isto é, sobre os lugares de vida: os seus, os nossos, os dos outros. Isso nos remete a ideia de que todos serão sujeitos e responsáveis naquele espaço social. Pois é interessante que o aluno tenha a percepção como sujeito ativo do espaço e assim participar do desenvolvimento da cidadania.

Segundo Cavalcanti (2012, p. 44-45):

No ensino de geografia, os objetos de conhecimentos são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico. São resultados da cultura geográfica elaborada cientificamente pela humanidade e considerada relevante para a formação do aluno. Propostas mais recentes desse ensino são pautadas na necessidade de trabalhar com

os conteúdos escolares sistematizados de forma crítica, criativa, questionadora, buscando favorecer sua interação e seu confronto com outros saberes.

No entanto, a geografia é o elemento fundamental para uma melhor compreensão da complexidade do espaço geográfico, pois é através das atividades cotidianas não somente em sala de aula, mas em todo o meio conflituoso em que vivemos que é possível a construção do conhecimento geográfico, ou seja, conhecimento da prática social cotidiana.

Sob o mesmo ponto de vista, compreendemos que todo espaço ocupado pelo homem, é considerado espaço de aprendizagem, há sempre o que conhecer e aprender. É, então, papel do educador utilizar-se de uma prática de ensino de forma que possa mediar todo o processo da construção de conhecimentos dos educandos, levando em consideração os elementos que permeiam o espaço que ocupam e a realidade em que vivem.

De acordo com Milton Santos (2012, p.63): “[...] O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá [...]” o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes.

Nesse contexto, podemos ressaltar que o espaço constitui como uma matriz, no qual as novas ações, substituem as ações passadas, ou seja, a construção do hoje será a base do amanhã. Pois o objeto de estudo da geografia não está isoladamente, isto é, o mundo é uma totalidade.

Sabemos no entanto, que o espaço é complexo e dinâmico por conseguir abranger muitos elementos: naturais, culturais, como também os elementos econômicos. Pois é nesse viés, que podemos afirmar que, há a necessidade de uma ótica mais profunda e crítica, no qual os próprios alunos se envolvam e consigam nessa dimensão, a compreensão e conhecimento dos lugares que existem, e os que estão inseridos.

Como afirma Cavalcanti (2012, p.48):

Um espaço assim produzido, mas aparentemente desorganizado, é de difícil compreensão para o cidadão. O conhecimento mais integrado do espaço de vivência requer, hoje, cada vez com mais intensidade, instrumentos conceituais que tornem possível apreender o máximo dessa espacialidade, daí a preocupação com a organização dos conteúdos, buscando a formação de conceitos geográficos.

Entendemos nesse contexto, a importância da questão sobre os conteúdos, e da prática em sala de aula, pois é necessário um planejamento, isto é, um bom plano de aula, para assim o professor poder propor os objetivos, em consonância com a metodologia.

Na geografia, em particular, percebe-se a tamanha dificuldade que se tem na construção do conhecimento geográfico, que muitas das vezes é mediado apenas pelo livro didático, pois é significativo o discente ter um conhecimento não só teórico, mas também, um compromisso com o desenvolvimento humano. Assim, exercer no agora, de forma bastante reflexiva, no qual os ofereça o entendimento das diversidades e relações entre homem/natureza que ao longo do tempo tem sofrido muitas modificações, justamente pelas ações naturais e humanas.

Entretanto, de acordo com Santos (2012, p.64):

[...] Considerar o espaço como esse conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações de sistemas de objetos e sistemas de ações, assim como estamos propondo, permite, a um só tempo, trabalhar o resultado conjunto dessa interação, como processo e como resultado, mas a partir de categorias suscetíveis de um tratamento analítico que, através de suas características próprias, dê conta da multiplicidade e da diversidade de situações e de processos.

Portanto, entendemos nesse contexto, que o espaço é a categoria chave da geografia, comportando a dimensão da totalidade. Onde na tentativa de enxergar o espaço, a partir de um olhar geográfico, adjetivamos para melhor compreendê-lo, para poder assim lidar como o espaço geográfico, portanto, real e não com um espaço abstrato. Ou seja, os diversos olhares sobre a realidade considerando a categoria de espaço, congregam essa dimensão de totalidade, visando dar conta das materializações da produção da vida nos contextos das sociedades.

2.3 Professor e Aluno na aprendizagem geográfica

No processo de aprendizagem, é o professor e o aluno que estão cotidianamente se encontrando e vivenciando lado a lado experiências do ensinar e aprender, considerados como personagens principais de uma história em que ambos precisam um do outro para escrevê-la, principalmente na aprendizagem geográfica. Com essa visão, segundo Vieira e Sá (2011, p.101) falam que: “Todo professor sempre segue um método de ensino. Para ensinar deve haver um método, mesmo que este seja simples”.

A discussão aferida nessa premissa refere-se à forma como trabalhar os conteúdos de maneira significativa no contexto escolar. Pois quando o professor tem outra colocação em

sala de aula, acredito que o objetivo dele é atingido, porque essa expressão de dizer que o aluno não quer nada, conseqüentemente afetará na aprendizagem do aluno, podendo até desestimular seu interesse de lidar com sua própria verdade, não somente em sala, mas também por toda trajetória de vida.

Segundo Moreira, Silva, Ferreira, (2011, p.73):

O professor é o parceiro mais importante no processo de aprendizagem, pois ele pode incitar o grupo de alunos ao aprendizado, desafiá-los a serem pesquisadores permanentes, como pode também ser o responsável pela amputação intelectual, desistência e desânimo de uma turma inteira.

Dessa forma, entendemos que o professor deve administrar suas aulas da maneira mais confortável possível, isto é, ser flexível, pois quando o ensino é dado por meio da parceria entre o professor e o aluno, possivelmente sua objetividade atingida será satisfatoriamente positiva, ou seja, é uma questão de estrutura.

A questão do uso de recursos didáticos tornou-se indispensáveis na realização de boas aulas. Pois com base no pensamento anterior, concordamos com a visão de Vieira & de Sá (2011, p.102):

Nos dias atuais, as crianças e os adolescentes com acesso a informações veiculadas pela mídia impressa e eletrônica dificilmente vão se interessar pelas explicações unívocas e teóricas do professor. A escola é uma célula social, precisa ser participativa e inclusiva e nela o professor deve conhecer bem os recursos de mídia para utilizá-los com objetivos claros e, principalmente inseridos no planejamento.

É notório que em muitas escolas, o professor é visto apenas como um simples transmissor de informações. Ou seja, aquele que já dá as respostas prontas para os problemas. E essa visão precisa ser mudada, pois nos dias atuais todos os alunos têm acesso a informação e a tecnologia, no qual o grande desafio é trazer essa tecnologia para dentro da sala de aula de forma que melhore a aprendizagem e não que atrapalhe.

Vale salientar segundo a concepção de Vieira & de Sá (2011, p. 103) que:

Não são os recursos didáticos que transformam aulas de reprodução em aulas de construção. Temos que definir se queremos formar alunos copiadores ou criativos, alunos submissos ou críticos, se utilizamos pensamentos prontos ou incentivamos nossos alunos a pensar; enfim, essa decisão metodológica é do professor.

Portanto, cabe ao professor decidir a maneira de expor suas metodologias, e também usar sua inventividade para criar seus próprios recursos didáticos, ou seja, podendo gerar expectativa e até entusiasmo nos alunos, após, por exemplo, uma explicação do conteúdo, em

seguida, um vídeo, representando como um recurso didático, capaz de fixar melhor certos conteúdos da geografia durante a aprendizagem do aluno. Portanto;

[...] Não podemos esquecer que o objeto de estudo da geografia é o espaço geográfico, que, com o passar do tempo, ou melhor, com a incorporação do tempo, com surgimento de novas tecnologias, com as mudanças nos sistemas de informação e com o papel cada vez mais amplo e globalizado da comunicação, adquire novas dimensões inclusive para a educação. (CASTROGIOVANNI, 2014, p.176)

Nesse sentido, entendemos essas mudanças significativas no contexto histórico, e também nas questões políticas, fez com que, a geografia tomasse um novo rumo. Lembrando que isso aconteceu não apenas pela existência de novas correntes teóricas, mas, justamente porque os discentes começaram a trazer, novas informações sobre a questão das unidades espaciais que eram tão facilmente singularizadas em um passado recente, que são orientadas pelos novos modelos de produtividade e competitividade.

Podemos dizer de concordância com Nunes (2008, p. 135), que “nesse sentido, a criatividade também se articula com o processo de aprendizagem, especialmente, quanto às ideias do novo, da mudança, do movimento, da dinamicidade, presentes nos atos de aprender e criar.”

Isso nos remete a ideia que a busca pelo “novo”, sempre é bem vindo ao sistema escolar, pois é através da criatividade e estrutura, que o professor deve ir em busca de métodos, de como usar, de forma adequada, as novas tecnologias no processo de construção do conhecimento geográfico. Porém, é importante também que o professor utilize todos os recursos didáticos disponíveis na escola para tornar a aula diferente e chamar a atenção dos alunos.

De acordo com Vieira e Sá, (2011, p.102):

Não podemos desprezar o professor do giz e da lousa, pois temos assistido aulas produtivas sem nenhum aparato tecnológico. Acima de tudo, um professor que tenha domínio de conteúdo e conheça seus alunos consegue trabalhar qualquer tema interagindo com eles, trazendo o seu cotidiano como exemplos para os conceitos.

No entanto, apesar do avanço das tecnologias, não podemos dizer que atualmente, só se tem uma boa aula, se tiver a existência de algum aparato tecnológico, pois ainda existe aquele professor bem estruturado, que, apenas com o giz e a simples lousa, é capaz de dar uma aula espetáculo, por conhecer seus alunos e também por ter um auto conhecimento dos conteúdos explanados, e de tudo que é exposto, assim, conseguindo interagir com cada um deles e relacionando o cotidiano em que vivem.

Na concepção de Moreira, Silva e Ferreira, (2011, p. 73):

A articulação entre conteúdo e cotidiano é uma abordagem eficaz para avançarmos das aulas tradicionais e expositivas para aulas interativas, nas quais os alunos possam participar com suas experiências e pontos de vista. [...] Percebemos que quando os professores e os alunos se integram para construir conhecimento, há motivação para aprender e o processo se torna progressivamente enriquecedor. Numa aula interativa os sujeitos participantes não precisam ser pressionados a estudar ou ameaçados com reforços negativos de qualquer espécie, porque o desafio de encontrar respostas está posto.

A discussão aferida nessa premissa, refere-se a questão das aulas tradicionais, ou seja, aulas de forma descritiva e totalmente dependente do livro didático, que desde sempre é bastante criticada, pois a autoridade em sala de aula, nem sempre colabora no aprender do aluno, porém é necessário algumas vezes somente para sentir-se mais firmeza das várias categorias do ser professor competente.

Segundo Klimek, (2011, p.119):

Com sucessivas mudanças ocorridas no que se refere ao objeto e método do ensino da Geografia, ocorreram também mudanças nas propostas de ensinar e aprender tanto no ensino fundamental como no ensino médio. Algumas inovações propostas podem melhorar a motivação dos alunos, na medida em que os tornam ativos no processo da construção de conceitos, habilidades e valores.

Desse modo, levamos em consideração a questão dos conteúdos, no qual é considerado como a parte principal da aula, isto é, refere-se ao que o professor irá trabalhar com os alunos durante toda aula, este deve ser muito bem escolhido pelo professor, pois assim ele poderá adaptá-lo em relação a realidade do aluno. E com isso ajudará a analisar as grandes disparidades existentes no espaço geográfico.

Levando em conta, a concepção de Malysz, (2011, p.172), que :

O meio como um “laboratório geográfico”, está disponível para alunos e professores em todos os graus de ensino. Precisamos enxergá-lo e explorá-lo como recurso para aprendizagem significativa dos conceitos de Geografia. O meio é a sala de aula, o pátio da escola, o refeitório, o corredor, a rua do colégio, a casa do aluno, o bairro, a cidade, o município, o parque florestal, o fundo de vale etc. Não é necessário idealizarmos o estudo de um meio distante, basta que observemos à nossa volta para encontrar paisagens que podem ser exploradas para a construção de diferentes habilidades, conceitos e valores.

No entanto, podemos analisar nessa concepção que, um grande problema quando se fala de conteúdo está no livro didático que vem como um roteiro a ser seguido pelo professor e que na maioria das vezes apresenta conteúdos totalmente fora do contexto, no qual os alunos

estão inseridos, despertando assim o desinteresse dos mesmos pelo conteúdo e até mesmo pela disciplina.

Segundo Klimek, (2011, p.119):

O ensino de Geografia deve possibilitar ao aluno a compreensão da realidade e instrumentalizá-lo para que faça leitura crítica, identifique problemas e estude caminhos para solucioná-los; mas para isso é necessário que os alunos e o professor sejam parceiros na busca de conhecimentos e saibam utilizá-los de forma a entender o espaço e analisá-lo geograficamente para estabelecer relações, associações entre o lugar e o mundo.

Portanto, a parceria de professor e aluno nessa perspectiva escolar é bastante representativo na compreensão do meio em vivem, colaborando sempre na construção de um sujeito crítico como também ativo, capaz de solucionarem problemas, através de pesquisas, definindo qual a melhor maneira de relacionar ambos, em matéria de aprendizagem e instigando seu interesse pela disciplina tão complexa como a geografia. Mas nunca esquecendo, que essa decisão metodológica, parte inicialmente pelo professor. O aluno enfim, precisa apenas atuar numa relação de reciprocidade.

CAPÍTULO III

3.1 A construção do conhecimento geográfico na Escola Municipal no 7º ano do Ensino Fundamental II

Nesse capítulo apresentamos a princípio, uma delimitação espacial, juntamente como de fato um diagnóstico sobre a escola, com suas principais características, como também a análise dos dados coletados, onde serão comentada as falas dos (as) alunos (as) que colaboraram com a pesquisa e responderam ao questionário aplicado com o propósito de conhecer e compreender a relação existente entre professor/aluno em sala de aula, e como esse processo influencia na construção do conhecimento geográfico. Também apresenta uma explanação dos dados coletados com a professora da disciplina seguida de análise fundamentada em teóricos que enfatizam a importância dessa temática que envolveu e impulsionou essa pesquisa. A atenção ao processo de ensino aprendizagem é a dualidade imprescindível para uma escola de sucesso; a relação aluno e professor, na qual se insere a realidade do contexto escolar que ambos convivem.

A Escola Municipal César Cals, (figura 01) é uma instituição pública de ensino que atua nas modalidades de Ensino Fundamental I e II, é situada na Rua Justino Alves Feitosa, S/N, centro Barro- Ceará.

Figura 01: Vista frontal da E. M. E. F. César Cals, Barro- CE



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, (PPP, 2011), a Escola César Cals, segue uma proposta metodológica e filosófica, que visa priorizar uma educação voltada para o desenvolvimento sócio-político-cultural, entendendo Educação como uma ferramenta que proporciona ao ser humano, uma possibilidade de maior conhecimento das causas sociais que afetam o seu dia a dia, como também uma maneira de ascensão social. Deste modo, a escola busca formar um ser crítico, consciente de seus deveres e direitos, fatores fundamentais para a vida em sociedade.

A citada escola foi criada pela lei 285/2010 de 19 de Agosto de 2010, assinada pelo Prefeito Municipal do mesmo ano, José Marquinélio Tavares. Denominada por seu espaço físico ter sido sede de uma Escola Estadual de mesmo nome e que foi referência no Município por vários anos.

A escola atende alunos da sede e de vários sítios do município. O quadro funcional atual da escola é formado pela diretora Maria Audalice Lourenço dos Santos, nomeada pelo Prefeito municipal e pela Secretária Municipal de Educação. Vale ressaltar que todos admitidos através de concurso público. Mas em relação a estrutura deixa muito a desejar, apesar de ter uma estrutura física considerada dentro dos padrões de sala de aula. Seis salas de aulas amplas podendo acomodar até 35 alunos e uma área livre com condições de construção de uma quadra de esporte e mais salas de aula.

No momento os recursos financeiros são oriundos da secretaria municipal da educação. Quanto ao material de uso pedagógico, a escola conta com uma pequena sala de leitura com um tímido acervo de livros paradidáticos, revistas e alguns mapas, (doado pela diretora atual), alguns dicionários e alguns jogos de dominó de matemática; dois computadores são de uso da secretaria da escola os quais não estão ligados à internet.

Diante disso, desde o momento que iniciei a pesquisa, procurei diferenciar as diversidades no contexto espacial em que estão inseridos. É notório que a escola possui diversidades como qualquer outra, porém busca contorná-las da melhor maneira possível, procurando sempre executar trabalhos com muito empenho, considerando assim, seja qual for às diversidades do seu público e da comunidade em que se insere.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental César Carls, procura ter uma estreita relação com os pais dos alunos. No ato da matrícula todos os pais respondem um questionário que traz informações diversas como: grau de instrução, renda familiar, moradia, beneficiário de bolsa família, uso de transportes. A partir desses dados, a escola planeja suas ações para que possibilitem a todos um maior e melhor acesso as atividades da escola. Para estreitar ainda mais os laços de parceria da escola com a família, são programadas reuniões para o

turno noturno, horário onde a frequência é maior devido a disponibilidade de muitos pais que trabalham durante o dia.

O calendário escolar assinala reunião bimestral com a família, não apenas para a entrega de resultados, mas para receberem informações sobre assuntos relacionados ao sucesso dos alunos, o “que”, “como” a escola executa sua proposta pedagógica, forma de avaliação, participação dos alunos no Grêmio Estudantil etc.

Diagnóstico e análise da situação da escola:

Pontos positivos da Escola

- Relação Direção, professores e funcionários;
- A participação da família; (ainda que tímida)
- Assiduidades dos docentes;
- Equipe docente qualificada nas áreas de ensino;
- O dinamismo de alguns alunos;
- Secretaria escolar organizada;
- Trabalho em equipe;
- Compromisso dos funcionários;
- Trabalho pedagógico organizado;

Principais problemas da escola

- Salas de aula sem ventilação;
- Falta de biblioteca;
- Banheiros em locais inadequados;
- Falta de computadores para alunos;
- Falta de internet para escola;
- Alguns casos de indisciplina de alguns alunos;
- Pouca participação da família;
- Falta de quadra de esporte;
- Um único bebedouro e pequeno;
- Falta de refeitório;
- Falta de espaço adequado para material didático;
- Falta de pessoal de limpeza de capinagem;

- Falta de zelo do patrimônio da escola pelos alunos;
- Falta armário para guardar diários dos professores (com compartimentos individuais).

Com base nas observações e análises dos questionários pude verificar que a Escola Municipal de Ensino Fundamental César Carls tem bases administrativas bem estruturadas, sempre pensando no bem estar de todos ali inseridos, um corpo docente competente, mas que infelizmente em relação à estrutura física não é muito boa, pois a meu ver há muitos problemas que devem ser atacados imediatamente.

Muito tem si discutido sobre as possibilidades, alternativas e caminhos do ensino da geografia, principalmente na questão sobre o processo de ensino – aprendizagem, no qual essa pesquisa dá ênfase na construção do conhecimento geográfico. Pois é por meio da disciplina de geografia, que podemos compreender como as diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as características dos lugares, nas múltiplas relações de um lugar para outro, distâncias, diferenciação do espaço no passado como no presente.

De acordo com Macceo Sato e Fornel (2011, p.56):

A escola tem diferentes espaços de convivência, todos com funções determinadas. Podemos fazer o estudo desse território para a construção de conceitos de Geografia como o de uso do solo, densidade demográfica, espaço geográfico com seus fixos e fluxos, utilizando uma planta baixa da escola. A análise da circulação das pessoas com registro das ações dos sujeitos na planta da escola pode trazer à tona problemas e soluções para situações não perspectiveis.

Nesse viés, é importante ressaltar que o próprio espaço escolar, serve para os alunos terem uma ótica mais geográfica. Pois nesse território são encontrados vários conflitos, que podem ser visto como objeto de investigação da geografia, e assim se tornarem sujeitos participantes das discussões sobre os problemas latentes, como também responsáveis pela busca das melhorias naquele espaço de convivência [...]

À construção de conceitos e ao desenvolvimento de habilidades de investigação utilizando um método científico somam-se a construção do conhecimento moral e o desenvolvimento de valores como responsabilidade, cooperação, respeito e tantos outros. Um trabalho que faz o aluno perceber-se sujeito do espaço é significativo para o desenvolvimento da cidadania, par da autonomia intelectual. (MACCEO SATO & FORNEL, 2011, p. 57).

Nesta proposta consideramos de fundamental importância a relação em conjunto, que pode contribuir na construção do conhecimento geográfico, sendo considerado como um

processo trabalhado a partir dos centros de interesses dos próprios alunos, nos quais eles tem a oportunidade de: ser amado, ser ouvido, ser respeitado, criar, escolher, decidir, sonhar, brincar, trabalhar ativamente nas lutas e decisões, a partir da análise crítica da realidade.

A escola tem como objetivo principal a integração dos indivíduos na sociedade, no entanto deve-se procurar fazer com que os alunos sintam-se aptos a captar os ensinamentos. Pois normalmente, ainda é notório alguns professores passarem seu conhecimento, sem ao menos se importar com a realidade do aluno, e conseqüentemente prejudicando de alguma forma, aqueles alunos que vivem numa realidade incomum aos bons olhos da sociedade.

Levando em conta toda essa questão, ressaltamos que:

Dessa forma, o plano escolar é um instrumento que permite aos educadores, à equipe técnico – pedagógica e à equipe de apoio desenvolver com competência a proposta educacional de sua escola. Ele deve ser simples, flexível e adequado a cada realidade, identificando os problemas e administrando-os na tentativa de solucioná-los. Para tornar o plano escolar eficaz, precisamos ter um conhecimento prévio da condição socioeconômica e cultural da comunidade onde a escola está inserida, identificar as necessidades dos alunos e priorizar ações eficientes para a melhoria do desempenho deles no processo de ensino e aprendizagem. (MACCEO SATO & FORNEL, 2011, p. 55)

Nessa congruência, é bom lembrar que esse planejamento das aulas em si não depende somente do educador, mas de todos os sujeitos inseridos no âmbito escolar. Pois com essa visão instiga a reconsiderar as funções da escola e também os valores que a sustentam. Assim podemos visualizar que a escola não é a única responsável por educar, como também a aula não é o momento de transmissão de conhecimento, e o professor encarregado de todas essas funções. No entanto a escola é uma instituição social encarregada por socializar saberes e conhecimentos sistematizados, promovendo condições favoráveis ao seu público alvo, para pensar, conhecer, refletir, criticar, construir e reconstruir novos horizontes, isto é, novos conhecimentos, e a questão da aula, por sua vez, é o espaço dado ao professor e ao aluno, para ambos ensinarem e aprenderem, e juntos construir vários outros saberes e formarem sujeitos livres.

3.1.1 O que diz o professor da escola

Com base nos questionários e as observações, pude notar que as respostas condizem com a realidade em sala de aula. A professora formada em geografia, pela URCA (Universidade Regional do Cariri), e tendo especialização em Geopolítica e História pela FIP, mostrou-se muito competente como docente na disciplina de geografia. É uma profissional

muito bem capacitada e que soube escolher o que realmente queria exercer desde cedo, sabendo ela, das diversidades e dificuldades encontradas no cotidiano escolar, onde não teve nenhuma dúvida nessa questão.

Apesar da infraestrutura da escola, que deixa muito a desejar, a professora citada sempre busca meios que favoreça o processo ensino aprendizagem. Muito preocupada e esforçada, ela busca a motivação dos seus alunos através das tecnologias, como também, aulas dinâmicas e participativas, para assim poder interagir com a mesma linguagem do aluno. Para ela a principal dificuldade para lidar com os alunos no cotidiano escolar é a indisciplina e ausência da família, principalmente nos casos dos alunos em que mais necessita de ajuda.

Acreditamos que por ser uma sala composta por vinte e quatro (24) alunos (as), isto é, está na média, mas torna-se mais fácil a aproximação e a interação entre o professor e alunos (as). Por meio de atividades e questionamentos, bem como da realidade que vivenciam, a professora busca estimular ou mesmo motivar os(as) alunos(as) a pensarem, refletirem e produzirem novos conhecimentos.

Deste modo, levamos em conta as considerações de que:

O professor, nos primeiros ciclos do ensino fundamental e nas classes unidocentes, tem maior liberdade de organizar e ordenar os conteúdos, relacionando as aprendizagens de várias áreas ou dentro de cada uma. Por outro lado, para o professor especialista de uma disciplina, as interações são mais complicadas e tão somente o planejamento conjunto pode minimizar as fronteiras entre disciplinas e o consequente parcelamento da aprendizagem do aluno. (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2009, p. 117)

Diante dessas considerações, podemos afirmar que o professor, deve ter a liberdade de expressar, como também organizar o seu conhecimento, juntamente com o do aluno, para que assim consigam de fato, que os mesmos tenham essa percepção da importância do saber em cada conteúdo explanado pelo professor.

Visto em sala que me chamou muito atenção foi a questão da utilização de uma mini caixa de som e também um microfone, por consequências de um sério problema de saúde na garganta, lhe fez necessário o uso frequente desse aparato em sala de aula. Mas mesmo tendo seus 16 anos de magistério, tive a noção que esse percalço, apesar de ter sido recente o uso, não atingiu de forma negativamente na profissão escolhida, pois de acordo com as observações e análises, em nenhum momento vi por parte dela, o pouco interesse e a não motivação, ao contrário sempre firme e forte em seu trabalho, isto é, desempenhando seu papel de educadora qualificadamente, sempre preocupada se o aluno está atento ou não em suas aulas.

Uma das perguntas que fiz no questionário era a seguinte: Quanto a sua formação, qual a sua opinião sobre ela. Se sente realizado? Ela responde: “Desde cedo me identifiquei com a profissão, portanto nunca tive dúvidas em qual profissão seguir, gosto do que faço, e sou completamente realizada.”

Diante dessa fala, notamos a devida importância da docente atribuir à escola, à sala de aula e aos alunos. Pois se trata de uma profissional competente no que faz, e sempre em busca de se atualizar, de conhecer mais, de se capacitar, para assim então cumprir seu ofício, compreender, ajudar e formar sujeitos livres pensantes, críticos e reflexivos. Que geralmente para que isso ocorra com êxito, tem que gostar muito da profissão, que em certos pontos pode ser considerada uma profissão árdua, isto é, trabalhosa por conter vários obstáculos capazes de desestimular muitos profissionais da área. E como se trata de uma professora de geografia, é significativo esse pensamento para a construção do conhecimento geográfico, pois para Passini,(2007, p.38) :

A escolha do conteúdo para ensinar geografia deve ser feita pensando na responsabilidade da formação do cidadão que precisa entender o mundo. A forma, a transposição didática, utiliza o conhecimento construído e as ferramentas da inteligência de que o aluno dispõe para que ele avance do conhecimento menor para um conhecimento maior [...] Precisamos entender os mecanismos de construção de conhecimento para o tema a ser trabalhado [...]

No entanto, a ênfase dada ao professor como o principal sujeito no processo de formação de indivíduos, referente à sua atuação na sociedade, que serve de ferramenta inicial para o conhecimento, é também de fundamental importância na construção desse conhecimento mais complexo.

Com o convívio, de quase um ano, a percepção ficou clara, que a professora citada, faz o que pode, mesmo não tendo muita estrutura física, em alguns pontos da escola, mas sabe a todo momento lidar com diferentes situações no decorrer das aulas, afinal imprevistos acontecem, e ela sabe bem disso. Pois em umas das questões novamente do questionário, que pergunta, como você vê sua relação como professor, com seus alunos; ela relata que: “considero-o como uma relação de parceria, mesmo muitas das vezes existindo muito percalços, procuro técnicas de minimizar os problemas, e sempre questionando-os na busca do melhor em ambas as partes”.

A sua relação com a direção e com os demais funcionários condiz com o que ela falou, muito boa, tem abertura para dialogar, falar das dificuldades e procurar soluções, costuma dizer que são como uma família. Portanto, a professora de geografia, mostrou ser uma das

poucas profissionais que hoje em dia no contexto escolar realmente se preocupa com a educação de maneira geral no processo ensino aprendizagem.

Um dos pontos fundamentais para o ensino na sua própria concepção é a questão da assistência da família nessa construção do saber, pois mediante suas respostas, é notória a grande preocupação dela por questões pessoais de cada aluno, principalmente a questão da indisciplina, fato bastante comum em escolas, mas para ela, esse problema com a ajuda dos pais, é possível o avanço deles, pois o acompanhamento da família pode contribuir muito no desenvolvimento e interesse de cada aluno. Ao relatar sobre essa dificuldade (indisciplina), em sala de aula, ser frequente, mesmo considerado não somente por ela, mas por inúmeros profissionais, a professora os elogia, como alunos bons, mas que a aprendizagem deles é relativa a cada assunto abordado.

Por certo não podemos deixar de mencionar que, os alunos em geral, ainda que exista um bom relacionamento, entre ambos, há momentos de tensão, ou seja, de desentendimento, pois estamos lidando com seres humanos, mesmo interagindo bem, há aquelas brincadeiras bobas, que geralmente podem atrapalhar a aula, o assunto a ser abordado, enfim é comum desavenças num ambiente de adversidades, mas com a orientação e atenção de um bom educador, isso pode diminuir bastante.

Nos pontos de tensão- como análise das observações dos alunos, sugestões para mudança do método de ensino, “avaliação das avaliações” -, é importante que possamos partir de conhecimentos comuns e sempre questionar os professores sobre suas dificuldades e como fariam a correção de rumo para melhorar o processo de aprendizagem dos alunos. É importante ouvir os professores em relação às suas necessidades e compromissos, para que haja abertura e receptividade das propostas em direção a ajustes na negociação que sejam vantajosos para as duas partes. Principalmente, devemos nos perguntar sempre se o que oferecemos realmente interessa à outra parte. (PASSINI, 2007, p. 34-35)

Na última questão, do questionário, perguntei sobre o ensino atual, quais suas perspectivas. E o que deve melhorar?

Minha perspectiva sobre o atual ensino é de grandes e significativas melhorias, que seja mais vista com bons olhos, sempre devemos pensar positivo e que virão coisas as quais sejam inovadas, sempre investindo mais na educação, para que tenhamos um futuro promissor. (Auxiliadora).

Com efeito, esse pensamento instiga a reconsiderar que a escola não é a única célula responsável pela educação dos discentes, sim uma parte do quebra cabeça no contexto educacional. Portanto ao invés de criticar a escola, devemos ir em busca de soluções diante desse espaço tão significativo na vida não só dos alunos como também nas dos docentes.

Podendo promover satisfação profissionalmente e juntos construírem outros saberes, garantindo em ambas as partes, seres livres e pensantes.

3.1.2 O que diz o aluno da escola

Com a aplicação dos questionários, como também as observações feitas no decorrer do estudo obtidos através da pesquisa direta aos 24 alunos (Tabela 01), todos responderam todas as questões, que serão comentadas de acordo com suas falas, com o propósito de conhecer e compreender a relação existente entre professor-aluno na sala de aula e como esse processo influencia na construção do conhecimento geográfico. A seguir a tabela mostrará uma simples caracterização da turma.

Tabela 01: Analisando a turma

ESCOLA	DISCIPLINA	ANO	TURNO	TURMA
César Carls	Geografia	7º	Manhã	A

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Através das observações em sala de aula, como também entrevistas realizadas no cotidiano escolar com os alunos, foi possível perceber que os mesmos não gostam da matéria de geografia, sendo que a maioria justificava sua resposta considerando-a como uma disciplina bem curiosa, isto é, mesmo não gostando, existe algo chamando atenção deles. Verifica-se assim, que existem as dificuldades de compreensão dos assuntos abrangidos nesta área de conhecimento, mas que pode ser revertidas pelo professor, quando este consegue repassar esses conteúdos de uma forma bem interessante e envolvente.

Complementando essa afirmação segue uma tabela (tabela 02), contendo todos os dados para melhor compreensão, esses são voltados para a primeira pergunta do questionamento e as respostas dos alunos, juntamente com as respectivas interpretações.

Tabela 02: Primeira pergunta do questionário e as principais respostas dos alunos.

PERGUNTAS	RESPOSTAS		PRINCIPAIS RESPOSTAS				
	Você gosta da disciplina de Geografia?	Sim	Não	_____			
10		14					
Por quê?	_____		Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5
			Gosto, porque eu acho muito legal e interessante	Gosto porque eu acho muito bom estudar e assim conheço o que é a geografia.	Gosto porque ensina várias coisas legais, como os mapas e as fases da lua	Gosto porque ela fala das regiões e dos mapas	Não gosto, porém sei que é uma disciplina educativa.

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

As razões que eles apontaram tanto para “gostar” como para o “não gostar”, dessa disciplina tem a ver, na maioria das respostas, como também na maior parte dos casos, com o professor ou com o modo de trabalhar e se relacionar com a turma (ponto também verificado nos questionários aplicados para os alunos).

Das respostas fornecidas por eles, teve algumas contradições, pois tanto houve alunos que demonstraram bastante interesse pela disciplina, como também, os que não gostam, mas que entendem que é uma disciplina bastante importante e necessária para complementação e formação educacional como um todo. Com isso nos remete ideia de que o profissional que ministram essa turma, esclarece sobre a importância da disciplina de geografia em sua vida, instigando a fazer sempre reflexões sobre o que realmente é interessante para cada aluno.

Com base nisso, seguimos as concepções de Cavalcanti, (2012, p.34):

Nesse sentido, nos projetos de formação profissional de professores, devem realçar os conhecimentos sobre os processos de aprendizagem articulados com os conhecimentos das disciplinas específicas. São conhecimentos referentes aos modos pelos quais as pessoas aprendem, aos mecanismos de mediação próprios do ato de ensinar, às contribuições específicas da matéria a ensinar no desenvolvimento intelectual, social e emocional dos alunos; aos instrumentos e procedimentos adequados, levando-se em conta os conteúdos ensinados e os alunos, aos modos de abordagem dos conteúdos considerando situações concretas em que as atividades ocorrem ou ocorrerão, aos instrumentos e as estratégias de avaliar acompanhar os resultados das aprendizagens conseguidas, aos contextos sociais, intersubjetivos e individuais dos alunos.

Nesse viés, acredita-se que a principal motivação parte do referente professor, mostrar aos seus alunos se existe alguma simpatia pela disciplina ou não, estimulando seu próprio conhecimento geográfico cognitivo para se transformar juntamente com o do professor, ou seja, um mais científico, tendo assim mais um aprofundamento sobre vários temas abordados no decorrer das aulas, especificamente a geografia.

Dando mais peso nessas afirmações, segundo Moreira, Silva & Ferreira, (2011, p.73-74):

Os alunos podem passar do conhecimento empírico para o conhecimento científico, dando novo significado ao seu cotidiano ao sistematizar os dados levantados no espaço de sua vivência. O momento de ressignificação é ímpar, e podemos dizer que essa construção estrutura novos desafios e descobertas. Podemos ousar dizer que o olhar sobre o objeto, inicialmente ingênuo e curioso, transforma-se no olhar observador de um pesquisador.

Ademais, é nesse instante que é disseminado o diálogo, entre professor e aluno, ou seja, no decorrer da convivência que desfrutam diariamente na escola, especificamente dentro da sala de aula. Portanto abrem-se caminhos capazes de aproximar ambos, no qual essa boa relação consegue construir um vínculo de companheirismo, mas sempre lembrando que o professor deve manter sua posição, de uma certa forma, autoridade, no sentido de não confundir a amizade, boa relação, nas questões principais como por exemplo, as avaliações. Pois o que é pra ser levado em conta, é se o aluno aprendeu ou não de forma significativa nas aulas dadas.

A partir da observação realizada, constatamos que as falas dos (as) participantes, nem todas condizem com a realidade que vivenciam na sala de aula. Tendo como base uma das respostas da própria professora, que afirmou ter como a principal dificuldade para lidar com seus alunos, foi a questão da leitura, por não gostarem da interpretação de textos.

Nas explicações dos entrevistados, a respeito como estudam para as avaliações dessa disciplina, verifica-se um modo recorrente que é o “ler” sejam os livros, os textos, cadernos

etc. Todas essas explicações nos indicam formas e também orientações já bastante comuns entre nós, como também para os professores, pois a leitura é algo comum nas aulas, mas só se tem aproveitamento se for feita de forma compartilhada, como por exemplo, debates, interpretações de textos, pesquisas sobre temas críticos para instigar os alunos a dar suas próprias opiniões.

Sobre essa questão, temos as concepções de Moreira, Silva & Ferreira, (2011, p.73): “No método integrador os alunos são estimulados a pensar e repensar sobre o conteúdo abordado, porque, direta ou indiretamente, esse conteúdo diz respeito a sua experiência de vida ou fatos presenciados na localidade de sua vivência”.

Seguem algumas respostas ditas pelos educandos diante da pergunta, como estudam para as avaliações de geografia? (...) eu estudo pelos livros, e também pela internet. (...) lendo com atenção, estudando a paisagem. (...) fazendo pesquisas sobre o assunto abordado, e sempre me questiono. (...) lendo o livro didático, várias e várias vezes. E apenas três (3) responderam que (...) eu não estudo, costumo resolver pelo que eu sei, diante das explicações da professora, que explica muito bem. Porém, as respostas desses três foram bastante significativas para a pesquisa, pois de acordo com o convívio na turma, e a análise nas aulas da professora, tive a percepção que as respostas foram nitidamente verdadeiras, apesar de uma parcela deles ter um pouco de dificuldades na obtenção de informações sobre os conteúdos dados, não significa dizer que a culpa é somente do professor, pois no caso da professora, ela sempre busca a atenção deles pela disciplina, mesmo aqueles que pouco se interessam, tendo em vista o diálogo, o entendimento dos problemas pessoais de cada um, sempre que aparecem as contradições nas aulas de geografia, que podem prejudicar negativamente de alguma forma seu aprendizado.

Levando em conta essa concepção, podemos afirmar que:

A avaliação deve ser entendida inserida no processo ensino-aprendizagem, e pensamos que a avaliação classificatória, usada atualmente para medir os alunos por notas, não tem proporcionado a melhoria do conhecimento. Propomos que haja na escola uma discussão e reflexão em relação às concepções de avaliação adotadas. [...] O objetivo deve ser a qualificação do ensino, e não a quantificação, e nesse sentido a avaliação deve centrar-se no diagnóstico das qualificações dos alunos e de suas dificuldades para que estas sejam superadas. (CEREJA, L.FERNANDES & F. ESTÊVEZ, 2011, p.185-186).

Visto isso, acredita-se que o essencial para a avaliação é a formativa, ou seja, é uma avaliação contínua, assim como a professora entrevistada faz em suas aulas. Desde as atividades e participação dos mesmos, ao ponto de saber quem realmente está tendo algum conhecimento sobre os conteúdos explanados por ela, na medida em que se interessa e

também pelo grau de participação, como também a frequência. Embora que esse sucesso em relação ao conhecimento geográfico de cada aluno, não dependa unicamente dos principais protagonistas, nesse caso, professor e aluno, sobre tudo requer o engajamento de toda equipe de profissionais da educação, também a instituição escolar que estão na busca de uma gestão democrática e participativa, isto é, na busca de formarem discentes intelectualmente, socialmente, como também psicologicamente.

Assim podemos perceber que a responsabilidade da construção do conhecimento geográfico, está destinada ao educador, ou seja, pois é através da postura do professor, como ele lidera a sala de aula, levando sempre em conta, alguns aspectos fundamentais para sua atuação, isto é, sua preparação, a forma de se organizar, como também seu envolvimento extraclasse.

Analisando a pergunta principal da pesquisa realizada nessa turma, no qual indagou da seguinte forma: “O professor é dominador do conhecimento geográfico?” onde os alunos responderam que sim, mesmo admitindo não gostar do conteúdo que a disciplina proporciona, mas, demonstrando certa curiosidade com a mesma. Isso se dá pelo fato de uma boa relação com a professora onde ela consegue envolver os mesmos numa metodologia interessante em sala de aula, condizendo com tudo visto na realização dessa pesquisa, imprimindo assim uma relação afetiva em ambas as partes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho monográfico, permitiu- nos tomar conhecimento ou ainda responder e confirmar o objetivo que impulsionou a realização da pesquisa, a partir dos dados coletados por meio do questionário aplicados aos pesquisados e pesquisadas que expressam em suas falas direta e indiretamente, como também, as observações e conversas realizadas no cotidiano escolar, quão importante se configuram a relação professor e aluno para construção do conhecimento geográfico.

Com isso, os sujeitos pesquisados atribuem relevância à relação professor/aluno, para o desenvolvimento do conhecimento geográfico, relação essa que implica interação, aproximação, respeito. No qual compreendem a necessidade e importância dessa congruência para influenciar e progredir o processo de conhecimento, sendo que no decorrer da pesquisa logo expressaram informações enriquecedoras para a pesquisa, no qual vieram afirmar as reflexões fundamentadas nos teóricos citados no decorrer do trabalho acerca do tema: “Relação professor/aluno na construção do conhecimento geográfico”. Sendo que isso foi enaltecido para a pesquisa.

Foram de suma importância as falas da professora, como também seu entendimento se tratando do tema atribuído para a pesquisa, que se mostraram em formas de recortes da sua realidade profissional, no qual foram se confirmando através de todos os aspectos relevantes dos dados dos questionamentos aos seus devidos alunos.

Com base nisto, bem como da abordagem teórica apresentada, tivemos compreensão de que na educação, é bom lembrar que a responsabilidade não se enquadra mais somente encima do educador. Mas também pelos educandos, de forma fundamental na mediação dos conhecimentos. Pois entende-se que tanto o professor como o aluno é capaz de transformar o ensino, principalmente a disciplina de geografia, que é uma disciplina que abrange todo o meio em que vivemos, tendo em vista vários pontos a serem colocados em debates em que os protagonista em questão, juntos e compromissados fazem a diferença na construção do conhecimento geográfico.

Mesmo sabendo que muitas vezes, a realidade educacional é preocupante, ou seja, as condições de trabalho oferecidas em ambas as partes não contribuem para o desenvolvimento de uma prática satisfatória, existem ainda aqueles profissionais capacitados e que lançam a todo tempo, grandes desafios na questão da educação.

Enfim, as reflexões e os questionamentos levantados no decorrer desta pesquisa apontam para influenciar a importância da relação professor/aluno para o processo do

conhecimento geográfico, levando em consideração sempre, a interação que ambos têm, para assim conseguirem formar suas próprias ideias e opiniões, isto é, na busca sempre de construir seres pensantes, no qual assuma o papel de cidadão livre, consciente e participativo na sociedade.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. **A pesquisa acadêmica no século XXI: uma análise de ciência frente aos conceitos de público e privado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- BUENO, Tiago da Silva. CALLAI, Helena Copetti. A Geografia da vida cotidiana. **Encontro Nacional de Prática em Geografia**. 10ª edição – Porto Alegre: 2009
- CARVALHO, Maria Inez. O contrário também pode acontecer. Ponderações Curriculares sobre a Geografia Escolar. In: FARIA, Marcelo; SANTOS, Iémison Mattos dos. **Reflexões e Construções Geográficas Contemporâneas**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2004.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson; KAERCHER, Nestor André. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Diferentes conceitos nas complexas práticas de ensino em geografia. In: TONINI, Ivaine Maria. **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.
- CEREJA, Cátia Adriana sesco. FERNANDES, Guilherme R. I. ESTÊVEZ, Laura F. Avaliação no processo: aprender ensinando. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão, MARLYSZ; Sandra T.(orgs). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2011.
- COSTELLA, Roselane Zordan. Práticas de ensino nas Universidades: um espaço de ensaio para a vida profissional. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria. **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- FOUCHER, Michel. **Lecionar a geografia, apesar de tudo**. In: VESSENTINI, José William. (orgs.). [et al]; [tradução Josette Gian]. – Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- JUNIOR, José Aquino. O aluno, o professor e a escola. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão, MARLYSZ; Sandra T.(orgs). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2011

KLIMEK, Rafael Luís Cecato. Como aprender geografia com a utilização de jogos e situações-problema. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão, MARLYSZ; Sandra T. (orgs). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2011

LIMA, José Gllauco Smith Avelino. Considerações Críticas sobre Interdisciplinaridade e Formação de Professores para os anos iniciais do Ensino Fundamental. In: PERNAMBUCO, Marta Maria. PAIVA, Irene Alves de. (orgs). **Práticas Coletivas na Escola**. Natal, RN: Mercado de letras, 2013.

MACCEO SATO, Elizabeth Cristina. FORNEL, Silvia Renata. Conhecimento do espaço escolar. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão, MARLYSZ; Sandra T. (orgs). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2011.

MALYSZ, Sandra T. Estudo do meio. . In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão, MARLYSZ; Sandra T. (orgs). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Fabiano Antonio de. Aulas tediosas, alunos alienados. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão, MARLYSZ; Sandra T. (orgs). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2011.

MOREIRA, Dimitri Salum. SILVA, Marcelo da. FERREIRA, Renato J. A didática da afetividade. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão, MARLYSZ; Sandra T. (orgs). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2011.

NUNES, Ana Ignez Belém L, Silveira, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da Aprendizagem: Processos, teorias e Contextos**. Fortaleza: Libellivro, 2008

PASSINI, Elza Yasuko. **Práticas de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. (orgs). São Paulo: Contexto, 2011.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A Formação Geográfica e Pedagógica do Professor. In: SILVA, José Borzacchiello da (orgs). **Panorama da Geografia Brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

PPP. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal César Cals**. 2011.

SCANDELAI, Natálie Roncaglia. Planejamento. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MARLYSZ, Sandra T. (orgs). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTANA FILHO, Manoel Martins de. A geografia Escolar: elementos próprios e característicos para a leitura e compreensão do mundo. In: Galvão, Carlos Fernando; MILLÉO José Carlos. (Org). **A prática de Ensino real e o Ensino da prática de ideal**. Curitiba: Editora CRV, 2010. ISBN

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço- Técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: Editora da USP, 2012.

SELBACH, Simone. **Geografia e Didática.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VESENTINI, José William. **A questão do livro didático no ensino da geografia.** (orgs.). Geografia e ensino. Campinas, SP: Papirus, 1989.

VIEIRA, Carlos Eduardo. SÁ. Medson Gomes de. Recursos Didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MARLYSZ, Sandra T. (orgs). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2011.

VLACH, Vânia Rubia Farias. Ideologia do nacionalismo patriótico. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (orgs.) **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 2005.

VLACH, Vânia Rubia Farias. Carlos Miguel Delgado de Carvalho e a “orientação moderna” em geografia. In: VESENTINI, José William (orgs). **Geografia e Ensino.** Campinas: SP: Papirus, 1989.

APÊNDICES



Universidade Federal
de Campina Grande



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO

Esse questionário tem por objetivo a coleta de dados a partir de perguntas abertas, que permitirá ter conhecimentos das concepções do pesquisado (professor), acerca da temática:” A relação professor/aluno na construção do conhecimento geográfico “na Escola Municipal de E.F.II César Carls, Barro- Ce.

1- Caracterização do sujeito de pesquisa.

NOME:

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: (GRADUAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO, MESTRADO, ETC.)

TEMPO DE MAGISTÉRIO: _____

2- Quanto a sua formação, qual a sua opinião sobre ela. Se sente realizado?

3- Quais as principais dificuldades para lidar em os alunos?

4- Relate um pouco sobre a questão da indisciplina em sala de aula.

5- Em suas aulas, quais as principais metodologias utilizadas?

6- Você procura sempre relacionar em suas aulas conteúdos ligado ao conhecimento prévio do aluno. Porquê?

7- Como é feita a abordagem dos conteúdos em suas aulas?

8 - Relate como é feito o uso do livro didático.

9 - Como você vê sua relação como professor, com seus alunos?

10- Quais são os pontos que merecem atenção nessa relação?

11- Como os alunos reagem a partir da sua prática em sala de aula e vice-versa?

12- Qual perspectiva tem sobre o atual ensino. E o que deve melhorar?

Obrigado pela sua participação e colaboração!



Universidade Federal
de Campina Grande



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

Questionário

Esse questionário tem por objetivo a coleta de dados, a partir de perguntas abertas, que permitirá ter conhecimento das opiniões do(a)s pesquisado(a)s (aluno/a/s), acerca da temática: “ A relação professor/aluno na construção do conhecimento geográfico”, cujo propósito é analisar a importância da relação professor e aluno como influencia na construção do conhecimento geográfico.

1- Você gosta da disciplina de geografia? Porquê ?

2- Como você estuda as avaliações de geografia?

3- Quais as metodologias utilizada pelo professor nas aulas de geografia?

4- O professor é dominador do conhecimento geográfico?

-
-
- 5- Pelo o que você estudou/estuda em sala de aula, o ensino de geografia estar relacionado ao seu cotidiano?

- 6- Você considera as aulas de geografia interessante? Porquê?

- 7- O professor faz uso de quais recursos didáticos?

() Vídeo () Datashow () Estudo de Campo () outros. Quais?

- 8- Todos tem o livro didático?

() sim () não

Se a resposta for não, diga o motivo pelo qual não tem:

- 9- Em sua opinião, o método de ensino utilizado pelo professor de geografia é proveitoso para sua aprendizagem?

- 10- De acordo com as aulas que você já teve durante este ano, o que foi que lhe chamou mais a atenção?

Muito obrigado pela sua colaboração!

ANEXOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Maria Auxiliadora Borges de Oliveira, professora de salas, 6º e 7º anos da Escola Municipal de Ensino e Fundamental César Cals, Barro-CE, estou ciente do conteúdo da transcrição da entrevista realizada em agosto de 2016, pela aluna concluinte do curso de geografia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, no âmbito CFP, e autorizo a publicação da mesma para fins do TCC intitulado: Relação professor/aluno na construção do conhecimento geográfico.

Barro- CE, 28 de Agosto de 2016.

Profª. Maria Auxiliadora Borges de Oliveira

Vanessa Pinheiro de Souza (CFP/UFCG)